

9 de av: rompendo muralhas



©Jane Bichmacher de Glasman *

Rupturas e angústias

O período de 3 semanas de *17 de Tamuz a 9 de Av* (este ano de 9 a 30 de julho) é conhecido como *bein há-meitzarim* que significa entre angústias, aflições ou literalmente, estreitezas¹.



Em 17 de *tamuz* recordamos muitas rupturas: das tábuas por Moisés; das muralhas de Jerusalém; do santuário do Templo profanado; da oferenda diária interrompida; dos rolos de *Torá* queimados por Apóstomo... Não foi à toa que Sadam Hussein “batizou” seu reator nuclear de *Tamuz 17!*



Já 9 de av é a data mais sombria do calendário judaico.



O Talmud (*Taanit* 29-a) nos conta que tudo começou um ano e meio após o êxodo do Egito: antes de o povo judeu entrar e conquistar a Terra Prometida, Moisés enviou para lá doze espiões. Ao voltarem, disseram ao povo que os habitantes eram muito fortes e que os judeus tinham poucas chances de vencê-los. Segundo a *Torá*, "Naquela noite, o povo chorou" (Nm 14:1). D'us puniu os israelitas por essa falta de fé, decretando que iriam errar pelo deserto durante 40 anos até morrer. Somente seus filhos iriam entrar na Terra Prometida. E acrescentou: "Esta noite choraram em vão; Proclamarei este dia como dia de luto para as gerações vindouras". Era dia 9 de Av...



E é longa a lista de fatos trágicos que nele se registram:

586 a.e.c. - Destruição do Primeiro Templo pelos babilônios;



70 e.c. - Destruição do Segundo Templo pelos romanos e o início do Exílio;



135 - Queda de *Betar*, último reduto da Revolta de *Bar Kochba*, com milhares de judeus mortos ou exilados e a última esperança de reconquistar a independência dos romanos destruída;



136 - Jerusalém foi destruída e a romana de *Aelia Capitolina* estabelecida em seu lugar;



1290 - Assinatura do édito de expulsão dos judeus da Inglaterra;



1492 - Os judeus foram expulsos da Espanha;



1555 - O Papa Paulo IV força todos os judeus de Roma a se mudarem para uma área malcheirosa próxima ao Rio Tiber e a pagar pelo muro que cercava o Gueto;

1914 - Início da Primeira Guerra Mundial (e a Alemanha derrotada foi o solo fértil da Shoá);

1942 - Começo da deportação dos judeus do Gueto de Varsóvia.



No ciclo de vida judaico, que continua e se repete, foram inseridas tradições para lembrar que a alegria não está completa sem Jerusalém e o Templo:

- um prato é quebrado na assinatura de um contrato de noivado;
- o noivo quebra um copo debaixo da *hupá* após a cerimônia de casamento;
- uma pequena parte de parede em toda casa nova é deixada sem gesso ou sem pintura



Por que?

O Talmud (*Yomah 9b*) explica que o Primeiro Templo foi destruído por causa de idolatria, homicídios e imoralidade sexual. Durante a época do Segundo Templo, os judeus estudavam a *Torá* e respeitavam suas leis; todavia, se odiavam. Ele foi destruído por uma só razão: *sinat hinam* ou ódio gratuito: as pessoas se odiavam sem nenhuma razão, não havia compaixão e falavam mal uns dos outros (*lashon hará*). Nossos sábios ensinam que esses atos são equivalentes (ou piores) do que idolatria, imoralidade e assassinato. Tanto que o Primeiro Templo foi reconstruído 70 anos após sua destruição, e o segundo, quase 2000 anos depois, ainda não...



O Talmud (*Guitin 55-57a*) conta uma história que simboliza este ódio: no meio de um banquete dado por um homem rico, este descobre que *Bar Kamtsa*, seu inimigo, tinha sido convidado em vez de *Kamtsa*, seu amigo, e se recusa a ouvir a súplica de *Bar Kamtsa* para não ser humilhado em público ou mesmo sua oferta para pagar as despesas. Pôs *Bar Kamtsa* para fora à força, o qual, em represália, incitou Roma contra o povo judeu.



O anfitrião não aceitou *Bar Kamtsa* de jeito algum. Qualquer reconhecimento seria admitir que existisse um intrínseco relacionamento. Permitir que *Bar Kamtsa* ficasse significaria haver uma conexão, e, portanto, em algum nível, um compromisso - e isso, para o anfitrião, era impensável. E esta é a essência do *Sinat hinam*, ódio gratuito: a recusa em reconhecer um relacionamento, uma conexão, um compromisso com o outro, não por causa de algo que a pessoa fez, mas tão somente por causa da pessoa, sua presença, intruso no “espaço pessoal”. *Sinat hinam* significa que o simples fato de a outra pessoa existir é uma ofensa.



Uma lenda (*Midrash Eicha Raba*) narra, com fins educativos, que na noite de *Tisha beAv*, a alma do patriarca Abraão entrou no *Kodesh há-Kodashim*² e perguntou: D'us, onde estão meus filhos? D'us respondeu: Eles pecaram, portanto os exilei entre as nações. Abraão insiste: Mas não havia nenhum virtuoso? D'us explicou: Cada um se regozijou com a ruína do outro...

As muralhas

E qual a relação disto com as muralhas de Jerusalém?

Uma muralha protege os que estão dentro de invasores indesejáveis e une os que estão dentro de seus limites, forçando o reconhecimento de um vínculo entre as pessoas. Quando ela é rompida, ambas as funções são perturbadas - inimigos podem penetrar na cidade e as pessoas podem ignorar suas obrigações, abandonar a cidade, romper sua unidade.



A muralha que cercava Jerusalém unia os judeus numa existência comum através de *Ahavat Israel*, amor fraterno, porque dentro do muro localizava-se o Templo, representando a mais elevada conexão e o mais profundo compromisso. *Sinat hinam*, a falta de união, de consciência da conexão essencial entre o povo judeu, provocou o exílio. Para trazermos a Redenção, precisamos praticar *Ahavat chinam*, amor gratuito e incondicional. Para reconstruir a muralha, precisamos reconhecer e validar nossos relacionamentos, exprimir nossa unidade essencial.



Um só coração...

“Nada mais inteiro do que um coração partido”...



Conta-se que, certa vez, Napoleão Bonaparte ouviu lamentos e choros vindos de uma sinagoga. Querendo saber o motivo, vieram lhe informar que aquele era o dia de *Tisha beAv* e que os judeus estavam chorando pela destruição de seu Templo em Jerusalém. “Como eu não ouvi falar? Quando aconteceu?”, perguntou Napoleão. Quando descobriu que o fato havia ocorrido quase

2.000 anos atrás, Napoleão disse: “Uma nação que recorda seu Templo destruído e lamenta tão profundamente e por tanto tempo sua perda, certamente terá o mérito de vê-lo reconstruído!”



É hora de unirmos nossos corações. Parafrazeando Napoleão, não há outro povo no mundo cuja vida tenha sido tão influenciada por acontecimentos tão antigos. Apenas quem sabe lembrar e sofrer as dores do passado é capaz de reconstruir o seu futuro.



**Doutora em Língua Hebraica, Literaturas e Cultura Judaica - USP, Professora Adjunta, Fundadora e ex-Coordenadora do Programa de Estudos Judaicos e do Setor de Hebraico– UERJ, escritora*

Publicado em Visão Judaica nº 81, julho de 2009 e no Jornal Alef, Edição 1.470, 18 de julho de 2010.

¹ Esta seria a origem judaica da expressão “agosto, mês de desgosto”, introduzida por cristãos-novos, pois o mês de Av costuma cair nesta época. Ver “**9 de Av e Sefarad**” Visão Judaica nº 70, julho de 2008

www.visaojudaica.com.br/Julho2008/artigos/4.html

² O lugar mais sagrado do Templo em que apenas o Sumo Sacerdote podia entrar em *Iom Kipur*

³ Frase de Rabi Menachem Mendel de Kotzk (Polônia, 1787-1859), um dos grandes líderes hassídicos do século XIX.